

Cabelo em chamas

Sempre tem uma parte do nosso corpo que gostamos mais. A minha parte favorita são os cabelos. Eu gosto das tardes que fico em casa para amaciá-los, dá um trabalhão, mas o resultado é ótimo. Coloco vários produtos coloridos sobre a pia e depois misturo todos eles num potinho e faço a magia acontecer. O cheiro de amônia é forte e deixa meu nariz e olhos irritados. Tenho que respirar pela boca para não ter vontade de desmaiar. Eu passo a mistura com a escova das raízes até às pontas e repuxo os cabelos para trás. Machuca um pouco porque arranco alguns tufo no processo, mas como minha cabeleira é volumosa os buracos não ficam tão aparentes. No início, meu couro não ardia, só que desde a segunda aplicação ele queima muito. Depois passo o dia inteiro com dor de cabeça e não tem remédio que cure. Sem falar das casquinhas e machucados que surgem cada vez mais. Tem gente que acha que eu tenho piolho e caspa, mas é só coceira mesmo. Amanhã preciso estar particularmente bonito, já que vai ter Festa Junina na escola. Pela primeira vez eu me sinto confiante para participar da quadrilha. Quero usar o chapéu de palha com a franja escorrida na testa.

Deixo o cabelo descansar enquanto ouço o programa de astrologia no rádio. Presto muita atenção quando falam do signo de libra, que é o mesmo do menino que eu gosto, Alberto, só que ele não sabe. Ele tem o cabelo lambido de lado, usa lentes de contato azuis e quase não tem espinhas. É conhecido como o príncipe da escola. Até o ano passado, chamavam ele de chimpanzé, esponja de aço e rolha de poço. Eu acabei me afastando dele porque ele era muito zoadado e eu não queria que sobrasse pra mim. Só que desde a grande metamorfose, ele só anda com os meninos populares. São como uma matilha de lobos e estão sempre prontos para atacar e devorar as presas fracas. Faço parte do rebanho de cordeiros e tomo cuidado para não virar alimento. Se não fossem tão lindos poderia odiá-los por completo, e motivos não me faltam. Desde que aprendi a falar mais grosso, não sou tão importunado por eles, só que de vez em quando a minha voz vacila. O estranho que há em mim se manifesta quando eu mais preciso do seu silêncio. Então, sofro ataques horríveis por semanas até que apareça alguém pior que eu para ocupar o papel de tonto. Não é fácil engrossar e domesticar a própria voz. É como se eu estivesse preso numa corrente que, ao mesmo tempo, me protege de cair em abismos e me mantém refém da minha própria liberdade. Nossa, já está na hora de lavar o cabelo!



Entro no chuveiro e a água morna se mistura com os produtos químicos que vão escorrendo pela minha pele café-com-leite até o ralo. Sinto meus cabelos, finalmente, completamente lisos. Que alegria! Queimando, mas lisos. Minha cabeça é uma chaleira, meu corpo todo efervescente. Estou muito feliz! Quando a raiz grossa começar a aparecer, eu boto produto de novo e de novo e quantas vezes forem necessárias, até que ele fique do jeito que eu quero. Impecável. Só que em troca do penteado perfeito eu tenho que ficar longe de umidade. A água e o suor que brota de mim e do mundo são meus pesadelos na terra. Águas que são capazes de destruir tudo o que eu construí. Tudo o que eu sou. Olho no espelho embaçado e me assusto com os olhos vermelhos de besta-sangue. Coço imediatamente os olhos já irritados e a vermelhidão vai eclipsando cada vez mais a minha visão. Vejo tudo em vermelho. Parece que meu corpo está cheio de ódio, em combustão. Mas os cabelos estão mais lisos do que nunca.

Nesta noite sonho com Alberto e estamos conversando entusiasmados na Festa. À nossa volta, jovens ocupam filas quilométricas para pegar pipoca e refrigerante. Outros rodopiam tão animados, que acabam explodindo em confetes coloridos por todo o cenário. Um casal se diverte na pescaria e os prêmios são pranchas, perucas e produtos de cabelo importados. Um palhaço com o cabelo metade liso e metade crespo, com a roupa de metade gente e metade monstro, com a cara metade preta e metade negra, faz piadas da sua cabeça que está derretendo. Ouço vagamente gargalhadas de uma pessoa velha rindo bem perto de mim, mas não sei de onde vem.

Até que Alberto interrompe meus pensamentos:

– Eu te amo. Eu quero que você seja meu namorado e, no futuro, quero que se case comigo.

Sempre tive medo que você escolhesse um dos meus amigos, que são todos apaixonados por você. Mas eu sei que você me quer. Vejo nos seus olhos... Você aceita namorar comigo?

– Aceito!

– Então, eu tenho algo especial para você. Venha!

Ele me pega pela mão e me puxa até a cadeia. Está muito escuro e eu só consigo ouvir gemidos de casais se amando. No meio de tudo isso, Alberto se ajoelha e estende uma pequena caixa em minha direção. Coloco atrás da orelha uma mecha teimosa para que eu possa ver com clareza. Demoro um pouco para entender o que são aquelas películas.

– Olhos vermelhos não combinam com você.



Ah! O que foi isso? Acordo triste ao perceber que não estou na cadeia, mas no meu quarto. É cedo, o dia promete chuva. Visto a roupa em poucos minutos e passo horas para me pentear. Preciso deixar o cabelo bonito e cobrir o buraco que se alargou ainda mais. Quanto mais eu mexo, mais calvo fico. Os fios se desprendem e caem mortos no chão. Deveria ter lavado o cabelo antes, hidratado melhor. Sou obrigado a usar um pouco de óleo de cozinha para melhorar o aspecto dos fios que estão como palha. Quando eles se tornaram tão fracos? Parece que me banhei em gasolina e acendi um fósforo na minha mata de fios, para exterminar toda a fauna e flora que abrigo. Mas eu não queimo com a intenção de destruir, mas de transformar. De ficar bonito. Atrasado, meto o chapéu na cabeça e saio assim mesmo, com o cabelo em chamas.

A quadrilha começaria em poucos minutos. O professor disse que Alberto não viria, estava com muita dor de cabeça. Na verdade, ele nunca sai de casa quando chove, já esperava por isso. Queria que ele estivesse aqui para nos misturamos numa chama só, dividir as dores e sabores de ter cabelos lisos. Não trocamos palavras, mas quando os nossos olhos se encontram existe uma conexão intensa, um fogo que não fere. A mestre de cerimônias anuncia no microfone para que os dançarinos se posicionem. De um lado, meninas com vestidos rendados e trancinhas. Do outro, meninos de xadrez e chapéu de palha. Estou quase desistindo de dançar, quero ir embora, respirar ar puro. Um cheiro de coisa queimada arranha minha garganta e me faz tossir. A fogueira de São João se esconde no meu chapéu e queima tudo. A música de rodeio estoura e, de repente, todos começam a bailar no pátio em ruínas. Não completei um minuto de coreografia e já estou suando e com a gordura pingando no chão.

O cabelo antes grudado na cara, aos poucos, vai se desfiando em várias direções, pareço um espantalho. Quero coçar muito a cabeça, mas não posso. Que droga! Percebo que a agilidade dos meus movimentos anima a plateia. Ao sentir que todos os olhares se concentram em mim, erupciono num triplo mortal no meio da ciranda e depois volto a sapatear com se nada tivesse acontecido. Só ouço gritos e aplausos, mas um trovão terrível lá fora clama por atenção e tudo se apaga e silencia. Chove muito forte e não tem mais energia. Mesmo assim, alguém puxa o coro e os presentes passam a cantar e a quadrilha continua dançando nas sombras. No término da apresentação, os meninos jogam o chapéu para o alto. Eu não penso duas vezes e o lanço o mais longe que posso. Aplausos! Muitos aplausos! Me jogo no chão e coço e coço. Rasgo a própria carne para me livrar do incômodo. Um relâmpago desponta pelas grades e revela num clarão meu segredo, o incêndio que me habita.



Eu tenho que sair daqui o mais rápido possível. Não quero morrer de vergonha nem carbonizado. Ouço inúmeras reações de espanto, ninguém tem certeza se eu sou pessoa ou assombração. Nem eu tenho certeza do que eu sou. Só quero apagar as chamas que me devoram vivo. Atravesso a aglomeração com relativa facilidade, pois o meu odor de sangue abriu espaço para que eu passasse. Já estou na saída e congelo diante da chuva. As águas estão muito nervosas e eu tenho medo de sofrer. Tenho medo de me afogar. Tenho medo do medo. E a água é a única capaz de dar fim ao inferno que está em mim. Será que a chuva também queima? Uma menina da outra sala já estava indo embora e me oferece carona no seu guarda-chuva velho e pequeno. Ela não me pergunta nada, mesmo eu estando ridículo e em brasa. Só me oferece acolhimento e eu sou seduzido a aceitar. No meio do caminho, me dá uma vontade terrível de me libertar-machucar mais ainda. E simplesmente corro o mais rápido que posso tempestade a dentro. Nem olho pra trás.

Corro pelas ruas de barro como um atleta que leva a tocha olímpica de um lugar a outro. Subo o morro mais alto da cidade, com os cabelos de fogo que, aqui e ali, me restam. Preciso dar um jeito nestas chamas. Acho que meu crânio está abrindo. As gotas da chuva pesam toneladas e parecem mais pedregulhos do que água. Ou era eu que estava desacostumado com ela e não recordava de sua força?

Quanto mais eu subo mais a floresta se estende no horizonte, árvores enormes, provavelmente muito antigas e sábias, cheias de verde-vida, balançam no ritmo da ventania. Posso ver os macacos se encolhendo nas folhas maiores e as mães-pássaros protegendo os ninhos do naufrago. Eles estão se protegendo das águas ou de mim? Agora, mais perto do céu, alívio. Obrigado, deuses. Que alívio. Me resta apenas uma mísera labareda, um fiozinho de cabelo insignificante, que apago-arranco com a ponta dos dedos. A chuva por fim aquieta e o sol gentilmente pousa sua mão luminosa sobre a minha careca a ferida com muito carinho. Agora eu que chovo. Chovo todas as cinzas que me restam. Chovo todo o vermelho impregnado dos meus olhos. Saio de lá banhado de vida e curioso-temeroso para descobrir a natureza que há dentro de mim. Uma planta, uma flor, um fruto, uma Amazônia inteira.

Rivaldo Soares

